

AMARANTE (Gondar)

A antiga igreja paroquial de Gondar, da invocação de Santa Maria, situa-se na freguesia de Gondar, a nascente da sede de concelho, Amarante (distrito do Porto), de onde dista cerca de 6 km. Partindo da ponte de São Gonçalo, no centro da cidade, proceder do seguinte modo: na margem direita do Tâmega seguir pela alameda Teixeira de Pascoais em direção à avenida 1º de Maio (EN15); uma vez aí, voltando à direita, após algumas centenas de metros, segundo o sentido do trânsito, prosseguir na EN15 – que neste troço se designa rua de António Carneiro –, até a rotunda. Continuar na referida via, passando sob o viaduto da auto-estrada; algumas dezenas de metros à frente, voltar à direita, para a EM572 e de novo à direita pela rua dos Sobreiros, que deriva no CM1213. A igreja surge à esquerda, após cerca de 850 m.

A igreja de Santa Maria de Gondar encontra-se no extremo de um pequeno núcleo urbano situado a meia-encosta, num sítio que significativamente se designa Lugar do Mosteiro. A envolvente apresenta-se parcialmente urbanizada incluindo também matos e campos de cultivo.

Igreja de Santa Maria

A SEMELHANÇA DE OUTROS TEMPLOS LEVANTADOS nesta região, a existência de uma igreja em Gondar resulta da ação de elementos pertencentes a grupos linhagísticos, empenhados na definição e organização do território, em função das suas estratégias de poder. Fun-

dar um mosteiro ou promover o estabelecimento de uma comunidade monástica eram ações que, no decurso dos séculos XI e XII, constituíam modos importantes de afirmação da aristocracia territorial. Era um tipo de iniciativa que contribuía para a estruturação do espaço conferindo,



*Perspetiva aérea do
sudoste*

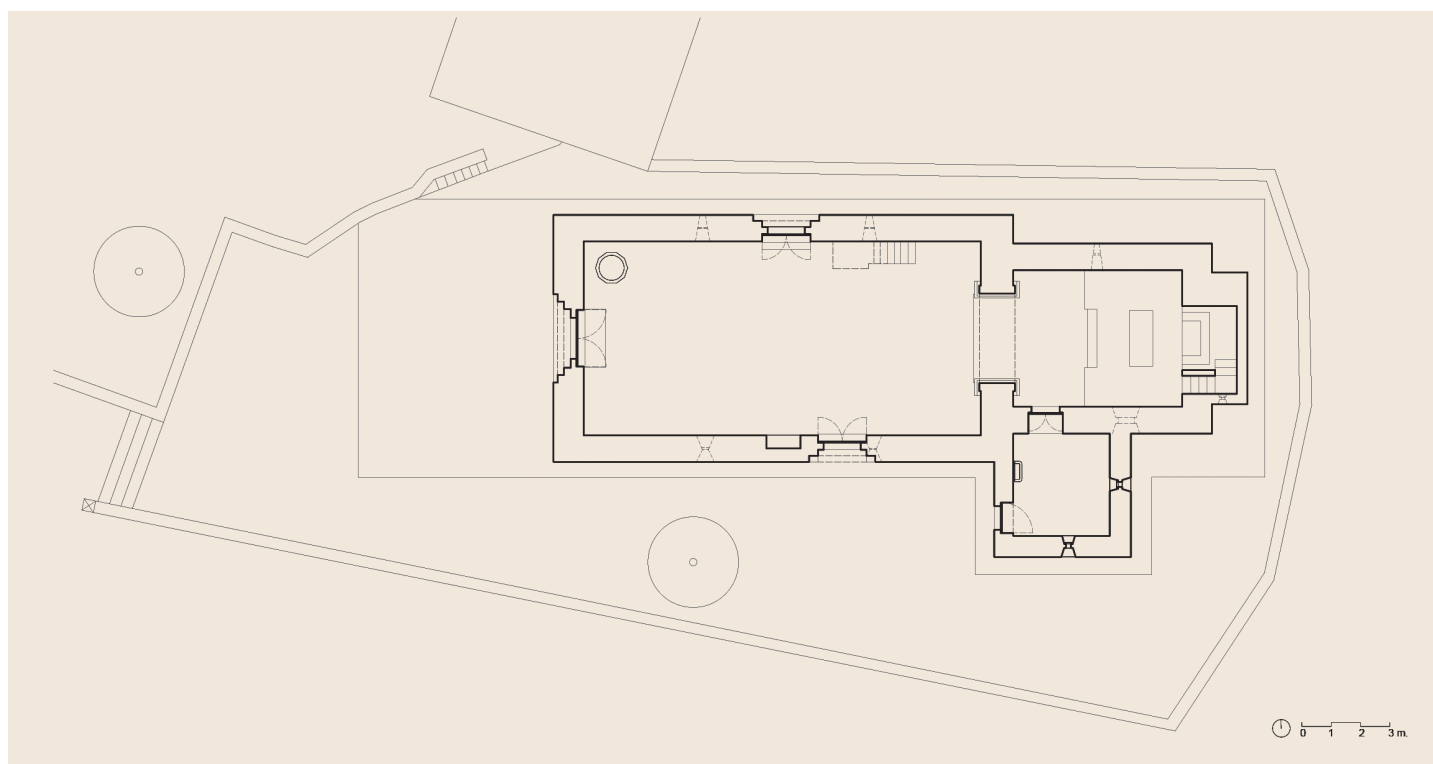
também, honra e prestígio ao patrono, que ali podia estabelecer sua derradeira morada – e além dele, a sua descendência –, beneficiando dos sufrágios dos religiosos. Mário Barroca refere que a igreja de Gondar foi instituída no âmbito de uma comunidade monástica feminina de inspiração beneditina, por membros de uma linhagem da pequena ou média aristocracia: o processo teve lugar entre os finais do século XI e os primeiros anos do século XII, sendo promovido por D. Mem de Gondar, homem oriundo das Astúrias e próximo do conde D. Henrique. Sabemos que, em outubro de 1212, na redação do seu testamento, o arcebispo de Braga, D. Pedro Mendes deixa à sua irmã, monja de Gondar, a quantia de 30 morabitanos, o que comprova que a comunidade se mantinha na observância beneditina feminina. Além deste mosteiro, Mem de Gondar estabeleceu um outro em Gestaço e, possivelmente, um terceiro, na vizinha paróquia de Lufrei cujo vigário, como realça o autor do *Portugal sacro-profano*, em 1767, era apresentado pelo reitor de Gondar.

As Inquirições de 1258 referem que o mosteiro era padroado dos *milites de Gundar*, situação que decorria da sua fundação pelo dito Mem de Gondar, século e meio antes, e que havia de prolongar-se por mais duzentos anos, até meados de quatrocentos. As circunstâncias da instituição alteram-se, no entanto, sob o governo do arcebispo D.

Fernando da Guerra, em Braga. O *múnus* deste prelado, que se prolongou de 1417 a 1467, foi marcado pela aposta na reabilitação dos espaços sacros e pela tentativa de proceder à reorganização da vida monástica, já que algumas comunidades se mostravam económica e humanamente pouco viáveis. José Marques enquadra neste contexto, em 1455, a decisão do prelado de proceder à extinção do mosteiro de Gondar juntamente com as comunidades de Lufrei e Fonte Arcada. A sua última abadessa terá sido uma dona chamada Inês Borges, cuja investidura tivera lugar três anos antes, a 29 de junho de 1452. Corroborando a ligação da descendência de Mem de Gondar a esta comunidade de religiosas, sublinhe-se o testemunho de Craesbeeck que, referindo-se à existência de uma outra abadessa ligada aquela linhagem, D. Ouroana, que viveu no decurso do século XIII, sublinha a importância que os de Gondar – ou Gundar – possuíam na região, acrescentando tratar-se de um gentílico cujo prestígio se afirmou ao longo dos séculos como marca de domínio e poder. Não obstante esta fama, que o autor assinala, o mosteiro de Gondar terá sido sempre de uma dimensão limitada, situação que, possivelmente decorria da sua dependência senhorial. Este é um dado que se encontra atestado no Catálogo das Igrejas, comendas e mosteiros do Reino, de 1320/1321, elaborado com o propósito de definir os tributos financeiros a que os

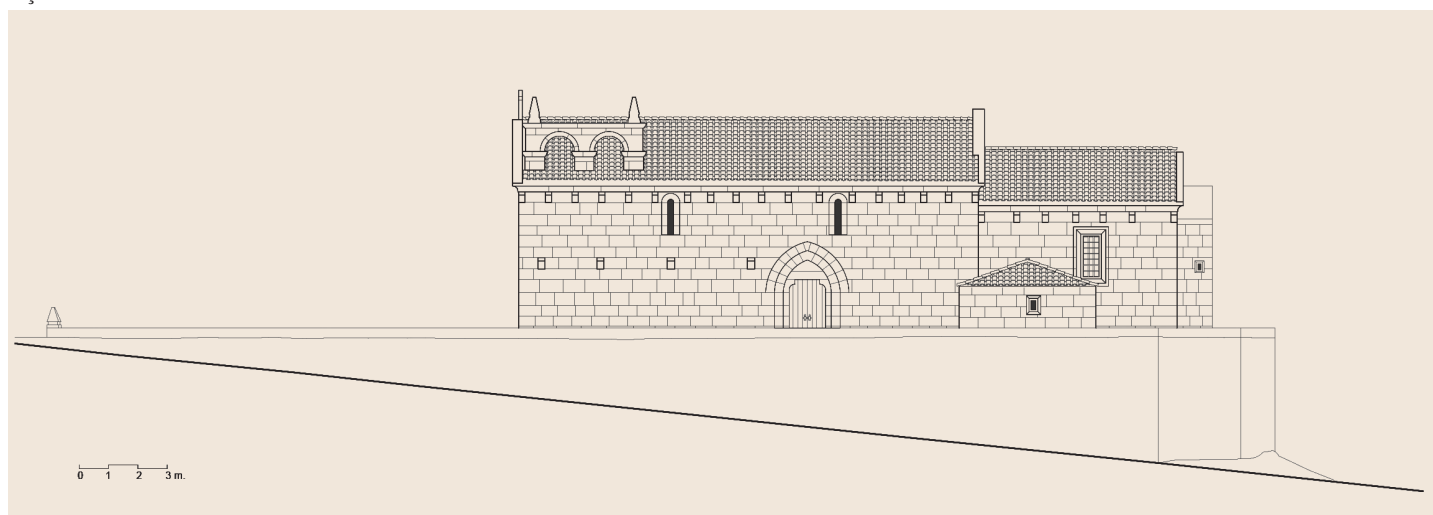


Perspetiva geral da igreja. Alçado sul



Planta

Alçado sul



institutos religiosos se encontravam obrigados, para suprir o esforço da Cruzada. A análise dos valores estabelecidos na referida lista revela que o mosteiro de Gondar foi taxado em 100 libras, uma quantia mediana, longe dos números mais elevados, então exigidos a outras instituições da região (a título de exemplo, cite-se Pombeiro, taxado em 8 000 libras).

Por ação de D. Manuel, o mosteiro de Gondar foi convertido, em 1515, em comenda da Ordem de Cristo.

Em 1548, D. Jaime, irmão do Duque de Bragança, ordenou a elaboração do tomo das propriedades das comendas que possuía entre Douro e Minho e Trás-os-Montes. Paula Correia Duarte dedicou um estudo específico ao tomo desta comenda de Gondar. No referido tomo, alude-se a uma casa telhada junto à torre dos sinos, com uma porta para o rossio, uma escada de pedra e três janelas para o claustro.

Segundo o *Livro das Comendas da Ordem de Cristo*, redigido em 1563, o mosteiro de Santa Maria de Gondar, no

arcebispado de Braga, foi convertido em comenda nova. À época da redação do livro, encontrava-se vaga por falecimento do comendador, não tendo sido registado o valor da sua avaliação.

Na segunda metade do século XVI, João de Barros afirmava que Gondar fora um antigo mosteiro de freiras, entretanto convertido em comenda.

Em 1758, por ocasião da redação das Memórias Paroquiais, Gondar ou "Gundar" era reitoria da apresentação do arcebispo de Braga, na comarca de Vila Real, concelho de Gestação. O pároco reitera que a igreja fora de monjas beneditinas "o que consta por tradiçam e assim constar de muntos archivos". O orago da igreja, que tinha três altares, era Santa Maria.

A igreja de Santa Maria de Gondar é uma estrutura orientada, composta por cabeceira quadrangular e corpo de nave única, construída num aparelho regular, pseudo-isódomo. As duas componentes apresentam-se em cobertura de duas águas, sendo a primeira mais baixa e estreita que a segunda, conforme a solução de escalonamento de volumes que caracteriza a maior parte dos templos da época, que se erguem na região. Adossada à cabeceira, na parede do lado sul é de referir a existência de uma sacristia, erguida na época moderna.

A capela-mor é de planta retangular, cobertura em telhado de duas águas, como atrás se refere, rematada em empena na parede testeira. A cabeceira foi acrescentada com um corpo retangular saliente, mais estreito, resultado da constuição de um nicho rasgado na parede fundeira da abside na retaguarda do altar-mor, o qual apresenta uma pequena janela retangular voltada a sul. Nos alçados laterais, a cornija é suportada por cachorrada com modilhões de secção retangular, a maioria isenta de decoração, nos alçados norte e sul. Excetuam-se alguns exemplares apresentando sulcos, toros ou o tema das pérolas. O alçado do lado norte apresenta uma fresta estreita, de feitura medieval; já na parede sul foi rasgada, na época moderna, uma janela quadrangular cuja abertura poderá ser contemporânea das obras de levantamento da sacristia, estrutura quadrangular simples, de aparelho irregular e telhado de três águas. Os alçados laterais apresentam ambos uma pequena janela de forma quadrangular; por outro lado, no alçado oeste da sacristia abre-se uma porta de verga reta.

O corpo da igreja também se caracteriza pela simplicidade. A fachada sul acolhe um portal definido por duas arquivoltas, quebradas e de arestas vivas, que além de se inscreverem na espessura do muro, assentam diretamente sobre os seus pés direitos. O arranjo do portal confirma a cronologia tardia da fábrica de Gondar. A fachada do lado norte apresenta-se do mesmo modo, tendo o seu portal

feitura semelhante. Num e outro caso, os tímpanos são lisos e sustentados por mísulas sem decoração e bem esquadriadas. A parede do lado sul patenteia, a meia-altura, uma sequência de mísulas que denunciam a existência de uma antiga estrutura alpendrada, que possivelmente integrava o complexo monástico. Duas frestas de iluminação, de arco de volta perfeita, confinantes com a cornija, rasgam cada um dos paramentos. A cornija de ressaltos é sustentada por cachorrada lisa ou de ornamentação simples, pontuada por rolos e esferas, de perfil idêntico à que se observa na igreja de São Mamede de Vila Verde (Felgueiras). Na extremidade do alçado do lado sul, no alteamento do muro, ergue-se um campanário de duas ventanas, dois arcos de volta perfeita, à maneira românica sendo, as impostas de ressaltos, os únicos elementos decorativos do conjunto. A propósito desta estrutura e na esteira de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, assinala-se a importância do sino enquanto elemento integrador e sacralizador do espaço paroquial no decurso dos séculos XII e XIII: o sino é o símbolo da comunidade por excelência, marca identificadora de quantos viviam debaixo do seu som, no sub-sino, como decorre da expressão que se vulgariza na época moderna.

A fachada oeste da igreja caracteriza-se pela contenção ao nível dos elementos que a enformam. O portal é composto por duas arquivoltas, ligeiramente quebradas, e arco envolvente assentes nos pés-direitos do muro. O tímpano é liso. Neste contexto, de um certo despojamento que caracteriza o românico da região, destaca-se o arco envolvente com o seu enxaquetado, conferindo distinção ao conjunto. Encimando o portal, naturalmente no seu eixo, um pequeno óculo que integra uma grelha composta por cinco círculos posicionados em forma de cruz.

O interior da capela-mor foi profundamente transformado desde a idade média. A cobertura é de madeira e o pavimento apresenta-se elevado em relação ao corpo da igreja. Na parede fundeira, ao centro, abriu-se no decurso da época moderna um nicho de grande dimensão, com o propósito de acolher o retábulo. Também na mesma parede, do lado sul, vemos uma porta estreita através da qual se acede ao interior do nicho, por uma escadaria de cinco degraus. No intradorso do referido vão conservam-se restos de uma pintura mural, cartelas envolvidas por *groteschi*. É o que resta de um programa pictórico de finais de quatrocentos, primórdios de quinhentos, que o curso do tempo fez desaparecer.

O arco triunfal é de volta perfeita, assente sobre pilastras toscanas. Trata-se de uma peça cuja feitura remonta à época moderna, certamente do século XVIII, posterior à passagem de Craesbeeck pelo local, em 1726, posto que este alude, ainda, ao primitivo arco da capela-mor – que



*Portal axial.
Alçado oeste*

Exterior. Portal sul



Exterior. Portal norte





Interior. Perspetiva a partir do lado ocidental

diz ser muito baixa – e à “imagem do Senhor Crucificado, São João e Nossa Senhora, nas ilhargas”. Com efeito, junto a cada uma das paredes laterais da igreja é possível perceber os contornos desse arco anterior e compreender como este poderá ter sido: um arco estreito e mais baixa que o atual, a que correspondia uma capela-mor mais baixa, como refere o memorialista, determinando uma separação clara entre os dois espaços, nave e a cabeceira.

O espaço da nave apresenta-se despojado, marcado pelo peso visual do granito, sensação realçada pelo facto de o templo se encontrar desafeto ao culto desde os primórdios do século XX, na sequência da construção de uma nova igreja paroquial em 1904, como notam Maria Leonor Botelho e Nuno Resende. A cobertura é de madeira e, ao nível dos paramentos, quatro frestas de arco de volta perfeita, alargado para o interior, permitem a entrada de luz na nave, que se distribui de modo suave e uniforme. Do lado do Evangelho, a base de um púlpito em granito, a que se acede por escadaria do mesmo e junto deste um portal. Na parede do lado da Epístola igualmente, um portal, e perto deste um nicho de arco de volta perfeita que se insere no muro, que no passado poderá ter albergado um

retábulo. Na nave, do lado do Evangelho, à entrada, uma pia batismal, taça e pé poligonais, em granito. Encostadas aos muros, algumas peças também em granito: fragmentos de tampas de pedras tumulares e uma pia de água benta de taça gomada, possivelmente do período barroco.

A igreja de Santa Maria de Gondar é uma construção tardia que informa de um certo hibridismo, conjugando um modo de fazer e uma linguagem que, de certa forma, se apresentam vernaculares, com soluções mais recentes, como o pequeno óculo da fachada principal, sobre o portal, onde se destaca a grelha composta por cinco círculos, formando uma cruz; ou o dito portal, integrando arquivoltas e enxaquetado visivelmente quebrados, indícios que conjugam temas característicos do românico com formas já próprias daquilo que se tem vindo a designar de “gótico rural”. Isto permite sugerir para a construção um hiato de tempo que se localiza entre as últimas décadas do século XIII e as primeiras do XIV. No que concerne a este ponto, atente-se à reflexão de Lúcia Rosas quando alude à importância que apresenta para a datação das igrejas, o modo como os canteiros adequavam a decoração à cachorrada e a forma que davam aos modilhões. A autora destaca que os exemplares mais anti-

gos se apresentam de feição tendencialmente retangular, adaptando-se a decoração à forma; com o passar do tempo, porém, em consequência da sucessiva repetição dos modelos, verifica-se um crescente afastamento entre as obras realizadas e os modelos originais. Por esse motivo, nas igrejas românicas mais recentes – erguidas, algumas, quando já se implementavam as expressões do gótico –, os modilhões apresentam a tendência para obedecer a formas tendencialmente quadrangulares, revelando uma menor variedade de temas e uma menos conseguida adaptação à escultura.

Extinto o mosteiro, na sequência da morte da sua última abadessa, a igreja passou para o domínio paroquial, em 1455. O seu primeiro pároco foi um certo Pedro Afonso, cujo nome se encontra ligado a uma imagem da *Virgem a Amamentar*, que o próprio ofereceu à igreja, em 1470. A peça foi estudada por Mário Barroca: o autor realçou o facto, raro no panorama das imagens quatrocentistas existentes em Portugal de, tratando-se de uma peça epigrafada, a mesma incluir referências ao nome do doador e à data em que foi executada. A inscrição encontra-se no lado direito da cadeira de aparato onde figura a representação da Virgem, sentada, e nela pode ler-se:

P(er)o A(fons)o MAND(u)
FAZer CCCC
LXX ANOS

A imagem em pedra d'Ançã, não se encontra na antiga igreja de Gondar. A construção de um novo templo, no

princípio do século xx, como se disse, levou ao abandono da velha paroquial e à transferência do retábulo e demais objetos, de um edifício para o outro, o que incluiu esta imagem de Nossa Senhora, hoje na respetiva capela-mor, do lado do Evangelho.

A igreja românica de Santa Maria Gondar, de finais do século XIII, insere-se no chamado românico tardio, e terá sucedido a um mosteiro beneditino erigido no século XII. No século xx, encontrava-se em avançado estado de ruína, tendo sido sujeita a uma campanha de restauros. Em 1978, a igreja foi decretada Imóvel de Interesse Público e, desde 2010, integra a Rota do Românico.

Texto: JL/MC - Fotos: RR - Planos: MF/MS (sobre RR/LC)

Bibliografia

AFONSO, L.U., 2009, pp. 363-366; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 117; BARROCA, M.J., 1998c, p. 99; BARROS, J., 2019, p. 226; BOISSELLIER, S., 2012, p. 146; CARDOSO, A., 1979; COSTA, A.C., 1706-12, p. 141; CRAESBEECK, F.X.S., 1992, pp. 56 e 97; DUARTE, P.C.N.C., 2009, pp. 217-229; LENCART, J., 2018, p. 441; MARQUES, J., 1988, pp. 45-46; MATTOS, A., 1953, p. 25; MEM. PAROQ. 1758 (2009), pp. 162-165; NIZA, P.D., 1768, p. 333; PMH, INQ., p. 1151 (de 1258); ROSAS, L.M.C., 2008, p. 364; ROSAS, L.M.C. *et alii*, 2014a, pp. 298-315; SIPA; TEST. ECC. PORT., doc. n.º 1.40 (de 1212, outubro, 30), p. 45.

